

Nem pássaro, nem avião, apenas o futuro

LUIZ FELIPE PANERAI
Coordenador de Reportagem

Ele é um pássaro, um avião? Não. Apenas duas linhas que se cruzam, como um “marco inicial”. Assim é o Plano Piloto de Brasília — o projeto de autoria do arquiteto Lúcio Costa, que conseguiu vencer, há 34 anos, o concurso nacional para escolha da “planta” da futura capital do País. O Plano Piloto superou o trabalho de 62 arquitetos e engenheiros, que apresentaram 26 propostas diferentes para a nova cidade.

O projeto de Lúcio Costa sintetizou um sonho: continha os traços de uma cidade “futurista” adaptada à vida moderna. As atividades setorializadas, o uso dos pilotis, as amplas áreas verdes, o pedestre, o automóvel. A história da escolha do Plano Piloto foi reunida há quatro anos pela Secretaria de Cultura, que a organizou num documento, “Brasília, Trilha Aberta”, uma pesquisa de fôlego para resgatar a memória da capital, no ano em que completou o 28º aniversário.

TEMPO

O documento busca o tempo perdido da história que criou a

nova capital: o concurso nacional para escolha do desenho da futura cidade. Os pesquisadores recuperaram 16 planos originais, entre os 26 concorrentes. Os 21 arquitetos localizados moravam, à época, nas mesmas cidades de onde planejaram Brasília em pranchetas. Não foi possível reunir todos os projetos apresentados, por causa de perdas e deterioração pela ação do tempo.

Os trabalhos têm um eixo comum: incorporam a “avantgard” arquitetônica dos anos 50. O planejamento da ocupação, os espaços livres, as habitações coletivas — de onde surgiriam os “blocos” residenciais, uma das características da nova capital. O projeto de Lúcio Costa vai pregar ainda uma “socialização do espaço” — uma cidade de todos — que até hoje divide corações e mentes.

O trabalho de pesquisa da Secretaria de Cultura destaca também as diferenciações entre as diversas propostas apresentadas. A fundamental: “o partido urbanístico”, aquilo que os arquitetos — como lembra o texto de apresentação do “Brasília, Trilha Aberta” — chamam de as formas de integração da administração pública — planejava-se uma ci-

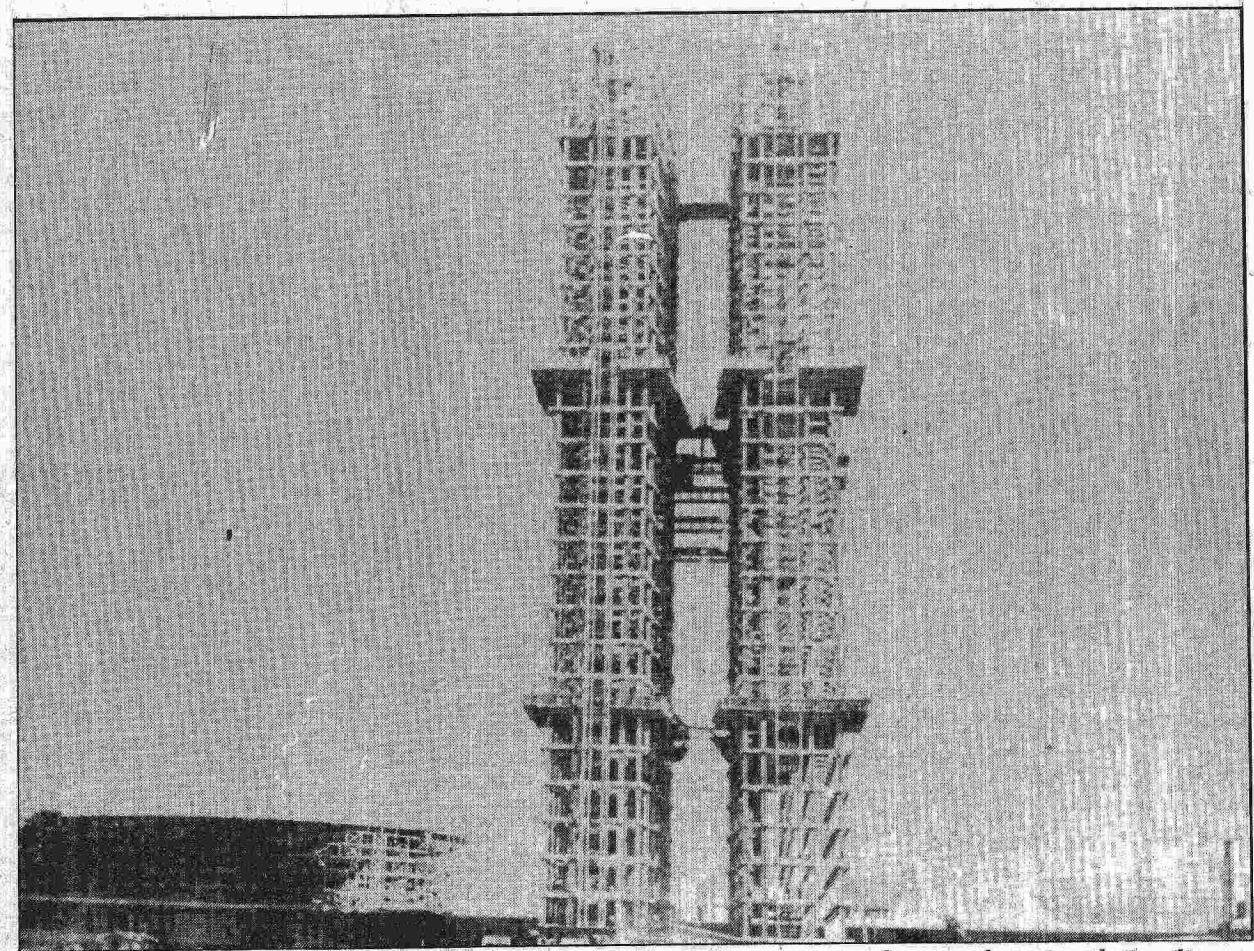
dade administrativa — às atividades do dia-a-dia.

ESCOLHA DIFÍCIL

A maioria dos projetos apresentados à comissão julgadora do concurso é linear. Adota dois eixos perpendiculares, posicionando o Governo Federal no eixo vertical e habitações distribuídas pelo transversal, mais ou menos como o desenho vencedor de Lúcio Costa.

Após seis meses, a comissão julgadora do concurso selecionou sete trabalhos, que dividiram os quatro primeiros prêmios. A proposta vencedora — o projeto de Lúcio Costa — começaria a deixar o papel logo depois da divulgação do resultado oficial. Mas não sem provocar controvérsias.

Em março de 1957, os jurados se dividiram. O júri acabou optando pela “melhor idéia”, embora o edital pedisse a apresentação de um projeto. Deu de tudo: votações em separado, em nome do pouco prazo para análise das propostas; sugestões para desenvolvimento coletivo do projeto escolhido. Mas no final predominou a opinião da maioria, que escolheu o trabalho de Lúcio Costa.



Uma cidade “futurista”, funcional e com muito verde: Lúcio Costa venceu a disputa pelo projeto de Brasília